

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-121>

Janaína Camargo dos Santos

Faculdade UNISE, pedagoga e acadêmica do curso de Psicologia

E-mail: janainacamargopr@gmail.com

Anna Carolina Galhart

Faculdade UNISE, professora da Rede Municipal de Ensino e dos cursos de Pedagogia e Letras e

Coordenadora do curso de Letras Português da Faculdade UNISE

E-mail: galhart.anna@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar as contribuições da Literatura Infantil para processo de alfabetização e letramento, seus benefícios para a formação de leitores e o desenvolvimento de um sujeito crítico. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com a fundamentação da revisão de literatura, trazendo referências nas áreas de alfabetização e Literatura Infantil: COELHO, FARIA, FERNANDES, LAJOLO, SILVA, SOARES e ZILBERMAN. Ressalta-se a importância do (a) professor (a) para estimular o desejo pela leitura, buscando uma metodologia que favoreça o processo de alfabetização e letramento, de uma maneira precisa, e que desencadeie a formação da identidade da criança. O estudo acerca do processo de alfabetização e letramento e seus aspectos sociais, aponta como relevante a formação do professor como sujeito leitor e formador de novos (as) leitores (as) e o livro de Literatura Infantil como recurso pedagógico deste novo processo que estimula a contextualização, a imaginação e a criatividade dos estudantes no início de escolarização.

Palavras-chave: Alfabetização. Desenvolvimento. Leitura. Letramento. Literatura Infantil.



1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa busca-se analisar as contribuições da Literatura Infantil associada ao processo de alfabetização e letramento, bem como a sua importância para a infância e na formação de leitores.

O motivo principal da escolha do tema a ser discorrido neste projeto, deu-se por razões pessoais. Atualmente, não atuo na área da pedagogia escolar, entretanto, quando realizei o meu estágio presencial em uma escola, desfrutei da oportunidade de vivenciar a rotina escolar e os processos de ensino-aprendizagem.

A alfabetização e a Literatura Infantil, especificamente, encantaram-me. Também devo mencionar as aulas ministradas pela professora e orientadora do TCC, Anna Carolina Galhart, em que propiciou diversas opções de literatura, desta forma, desencadeou os motivos decisivos da escolha.

Conjuntamente, devo mencionar o meu histórico, que quando criança não tive incentivo no campo da leitura, e hoje deparamo-nos com quão é importante o papel transformador da Literatura Infantil, uma ferramenta muito poderosa para a compreensão do mundo, que contribui para a informação, o conhecimento e a interação necessária ao ato de ler, sendo capaz de influenciar de maneira positiva no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança.

E por fim, a inserção do momento da leitura deleite, dentro da sala de aula, despertando o gosto pela leitura, favorecendo o aflorar na formação de leitores, e, possibilita à criança ter acesso a diferentes gêneros textuais, conhecer diversos autores e à medida que a prática se consolida, torna-se um hábito que o leitor aprende a desfrutar e explorar para o resto da sua vida.

Na seção que abrange o referencial teórico, propõe-se conhecer as origens da Literatura Infantil e sua trajetória histórica.

Dando sequência, apresentar-se-á a importância de trabalhar a Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento.

Conseqüentemente discutir-se-á a relevância do estímulo do(a) professor(a) para o desenvolvimento da prática da leitura.

Na próxima seção, será exposta a metodologia de pesquisa.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa. Para a elaboração deste estudo optou-se pela escolha da metodologia de pesquisa, a revisão de literatura ou revisão bibliográfica.

A revisão de literatura é o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento, em busca de resposta a uma pergunta específica. “Literatura” cobre todo o material relevante que é escrito sobre um tema: livros, artigos de periódicos, artigos de jornais, registros históricos, relatórios governamentais, teses e dissertações e outros tipos.



De acordo com Gil (2002) a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p.44).

A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos.

Na seção seguinte será apresentado o aporte teórico acerca das contribuições da Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Apresentar-se-á, neste tópico, de forma resumida, o panorama histórico da Literatura Infantil, em seu provável berço, até a sua disseminação no Brasil.

A história da Literatura Infantil está ligada à história da concepção de infância, onde os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso não se escrevia para as crianças, pois não existia a “infância”. As crianças e os adultos compartilhavam os mesmos eventos sociais. Com a introdução e valorização de um modelo familiar burguês, a criança ganha um enfoque de reprodução da classe, com um interesse maior na sua educação e na transmissão de valores burgueses.

Nesse momento surge a Literatura Infantil, com a finalidade de transmitir os valores deste novo modelo familiar pautado para uma nova concepção de criança. Segundo Nelly Novaes Coelho a Literatura Infantil é:

Abertura para a formação de uma nova mentalidade, além de ser um instrumento de emoções, diversão ou prazer, desempenhada pelas histórias, mitos, lendas, poemas, contos, teatro, etc., criadas pela imaginação poética, ao nível da mente infantil, que objetiva a educação integral da criança, propiciando-lhe a educação humanística e ajudando-a na formação de seu próprio estilo. (COELHO, 1991, p. 5).

A Literatura Infantil importa-se com histórias para crianças, é a forma literária voltada para a psique infantil, com vocabulário adequado ao conhecimento e à compreensão da criança, auxiliando no desenvolvimento da personalidade, com o intuito não só de divertir e informar, mas também difundir as experiências da vida. Regina Zilberman (1985) pontua que através de contos de fadas, da reutilização de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades.

De acordo com Coelho (1991) a Literatura Infantil surge de fato na França, na segunda metade do século XVIII, durante a monarquia absoluta de Luís XIV, o “Rei Sol”, que se manifesta abertamente a preocupação com a literatura para crianças e jovens. “Contos da Mamãe Gansa” (1691 - 1697) de



Charles Perrault, “As Fábulas” (1668) de La Fontaine, “Os Contos de Fadas” (8 volumes, 1696 -1699) de Mme D’Aulnoy e “As Aventuras de Telêmaco” (1699) de Fénelon são os livros pioneiros do mundo literário infantil. Dessa forma, pode-se dizer, que foi a França, através desses grandes literatos, o berço da Literatura Infantil no mundo.

A Literatura Infantil brasileira surgiu tempos depois do início da europeia. Com a implantação da Imprensa Régia, em 1808, começaram a ser publicados os primeiros livros para crianças no Brasil. Conforme Zilberman e Lajolo (1986):

[...] a tradição de As aventuras pasmosas do Barão de Munchausen e, em 1818, a coletânea de José Saturnino contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural. (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p.23).

Mas essas publicações, segundo as mesmas autoras, eram esporádicas e insuficientes para caracterizar uma produção literária brasileira regular para a infância. Somente após a Proclamação da República é que se iniciou de fato uma Literatura Infantil brasileira. Essa fase é representada, em especial, pelo tradutor Carlos Jansen, através das obras “Contos Seletos das Mil e Uma Noites” (1882), “Robinson Crusóé” (1885), “Viagens de Gulliver a terras desconhecidas” (1888), e pelo adaptador de obras estrangeiras Figueiredo Pimentel, onde os contos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen eram divulgados nos “Contos da Carochinha” (1894), “Histórias da Avozinha” (1896) e “Histórias da Baratinha” (1896).

Em 1904, Olavo Bilac e Coelho Neto editam seus “Contos pátrios”. Já em 1907, Júlia Lopes de Almeida lança as “Histórias da nossa terra”. Em 1910, surge a narrativa longa, “Através do Brasil”, de Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Em 1915 é criada a biblioteca infantil, em São Paulo, pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, a qual tinha um acervo com cerca de 100 livros famosos, dentre eles: “Dom Quixote”, “As aventuras de Gulliver”, contos folclóricos e versões dos irmãos Grimm, de Perrault de Andersen, e outros. Nesse primeiro momento da Literatura Infantil brasileira há a apropriação de um projeto educativo ideológico, que provinha da Europa.

Nesta época, escrevia-se minimamente para crianças e as escassas obras que existiam eram separadas da criança, pois valorizava-se a literatura ideológica para elas. O patriotismo estava configurado e enraizado na consciência política do país e a Literatura Infantil assumia o papel de comprometimento dessas ideias. Os escritos desse período afamavam a natureza e a paisagem, temas inspirados dos modelos europeus.

Zilberman e Lajolo afirmam que “... a extrema valorização da natureza torna-se radical em obras de autores como Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Neto” (LAJOLO; ZILBERMAM, 1986, p. 48).



Em 1919, Tales de Andrade com o romance “Saudade”, transmitindo e divulgando a imagem de um Brasil que encontra na agricultura, sua identidade cultural, ideológica e econômica, encerrando assim, esse primeiro período da nossa literatura voltada para as crianças.

Em 1921, Monteiro Lobato publica “A menina do Narizinho Arrebitado”, sucesso de vendas. Quando percebe a necessidade de se escrever histórias para crianças, com uma linguagem que as interessasse, é com Monteiro Lobato que vamos encontrar a nova fase da Literatura Infantil brasileira como afirma Nelly Novaes Coelho, “A Monteiro Lobato coube fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje...” (COELHO, 1991, p. 225).

Vale salientar, no que diz respeito ao reconhecimento de autores importantes da história da Literatura Infantil brasileira, deve-se citar Monteiro Lobato, como também lembrar de duas autoras imprescindíveis: Ruth Rocha e Marina Colasanti. Ruth Rocha é considerada, hoje, uma das mais significativas escritoras tanto na Literatura Infantil quanto na Literatura Juvenil brasileira. Igualmente a Rocha, Marina Colasanti é reputada como figura fundamental da Literatura Infantil.

Sendo assim, hoje “Centenária, a Literatura Infantil brasileira oferta ao leitor atual um acervo respeitável de boas obras, para serem lembradas por adeptos de várias gerações” (ZILBERMAN, 2005, p. 11).

Apresentou-se, de forma resumida, o panorama histórico da Literatura Infantil. Na sequência, discutir-se-á a Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento e o desenvolvimento do educando.

3.2 A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E O DESENVOLVIMENTO DO EDUCANDO

Inicialmente discorre-se a respeito dos conceitos de letramento e alfabetização, de acordo com Magda Soares (2004), *apud* Fernandes (2019). A palavra letramento, assim como o seu conceito, é algo relativamente recente no Brasil. O termo foi introduzido na linguagem da Educação e das Ciências Linguísticas há pouco mais de duas décadas.

Soares (2003) *apud* Fernandes (2019), distingue o processo de alfabetização e de letramento, para que um não se confunda com o outro, e, principalmente, para que o uso do termo letramento não acabe com a especificidade do processo de alfabetização:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento (SOARES, 2003, p. 90).



De acordo com Ferreiro; Teberosky, 1999, *apud* Silva, 2021, sabe-se que o fracasso escolar não ocorre somente nos anos finais da jornada escolar e sim antes até mesmo no processo de alfabetização. A aprendizagem da leitura, entendida como o questionamento a respeito da natureza, da função e do valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos (SILVA, 2021).

Atualmente o processo de alfabetização engloba saber ler e escrever e compreender as práticas de leitura e escrita. Não basta apenas saber ler e escrever, mas saber fazer o uso da leitura e da escrita em vários contextos sociais, assim, projeta-se um futuro de sujeitos críticos e atuantes dentro de uma sociedade, oferecendo-lhes o direito de ir além do que se vê e do que lhes mostram. Conseqüentemente, alfabetizar é possibilitar contextos de letramento proporcionando espaços críticos voltados para a leitura e escrita.

Dessa maneira, as práticas de leitura e escrita na escola precisam ser revistas, quanto à formação de professores que atuam na formação de futuros leitores e a estrutura do ambiente escolar para a alfabetização e o letramento. Aumentar os conhecimentos acerca da Literatura Infantil no ambiente escolar, sua natureza, seu processo e consequência para a vida das crianças, mostra-se fundamental a todos os educadores que desejam oferecer um ensino de qualidade. Dentro das concepções atuais, o processo de alfabetizar-se condiz em saber ler e escrever, e compreender as práticas de leitura e escrita. Letramento é um conceito atual estudado como fenômeno social em que se considera a nova abordagem da alfabetização.

A leitura é o meio norteador da escrita oferecendo subsídios de como escrever. Não se trata da decodificação de letra por letra, palavra por palavra, mas da compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Formar o leitor competente significa formar alguém que compreende o que lê. Um leitor eficiente se constitui naquele que possui uma prática constante de leitura de textos diversificados e esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive os que não sabem ler convencionalmente.

Conforme Soares, 2011, “São três as principais instâncias de escolarização da literatura em geral, e particularmente da literatura infantil: a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura, em geral determinada e orientada por professores [...]” (SOARES, 2011, p. 6).

A leitura na escola tem sido um objetivo de ensino. Como se trata de uma prática social complexa, para converter a leitura em objeto de ensino-aprendizagem, deve-se preservar sua natureza e complexidade. A escola necessita oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes, diferentes textos do mundo e práticas de leituras eficazes. Não se forma bons leitores solicitando a leitura em atividades em sala de aula ou apenas no livro didático. Sem a diversidade da leitura pode-se até ensinar a ler, não se formarão leitores competentes.

Para aprender a ler é preciso interagir com a diversidade de textos escritos e participar de atos de leitura de fato. A leitura como prática social é sempre um meio e nunca um fim. Ler é uma necessidade pessoal. Uma ação de leitura que não desperte o desejo de ler, não é uma atividade pedagógica eficiente. É necessário promover condições favoráveis para a hora da leitura, como planejar um momento na biblioteca, criar cantinhos da leitura, confeccionar personagens das histórias, propor rotinas de leituras, organizar momentos de leitura livre, onde o professor também participe da leitura. É muito importante ver seu professor (a) envolvido (a) nesse momento, pois, incentivará e despertará o desejo de fazê-lo também.

No que trata da questão social, a desigualdade social é responsável por interferir no contexto da aprendizagem. Considerando a condição econômica, a criança de classe mais favorecida encontra-se em processo de alfabetização e letramento antes mesmo de completar o primeiro ano de idade, pois o contato com livros e a leitura é incentivado pelos pais, os quais são os seus primeiros professores.

Já no outro extremo, as crianças que vêm de classes de baixa renda, o contato com a leitura praticamente é inexistente, ponderando-se que no Brasil a cultura de obter livros foge do orçamento familiar, também não é um hábito muito estimulado. Assim, o contato com a leitura e a escrita nas classes populares acaba se iniciando mesmo só na escola e tendo seus professores como primeira referência de leitor e escritor.

Apresentou-se neste tópico o mérito da Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento e desenvolvimento do educando.

Na próxima seção serão apresentados os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS

4.1 A RELEVÂNCIA DO ESTÍMULO DO (A) PROFESSOR (A) PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DA LEITURA

Nesta seção far-se-á a discussão no que tange a relevância do estímulo do (a) professor (a) para o desenvolvimento da prática da leitura.

A Literatura Infantil no processo de alfabetização e letramento tem sua relevância no contexto educacional e social, pois envolve a formação da criança leitora considerando os aspectos de criação, imaginação e produção.

Utilizar o livro de Literatura Infantil para o processo de alfabetização e letramento não fará com que o instrumento pedagógico seja usado para um momento de lazer, saindo-se das atividades pedagógicas de rotina, ao contrário, irá proporcionar um momento de conhecimentos de leitura, ou seja, a interpretação e a compreensão do texto. A abordagem do trabalho pedagógico não se trata apenas de usar o livro meramente para a produção de atividades didáticas, mas proporcionar por

concreto, momentos de ludicidade na leitura e na escrita, através da leitura de um livro, muito pode ser explorado pelo educador e pelo educando.

Segundo Faria, 2004, a capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de Literatura Infantil é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro infantil, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade, o professor também precisa saber ser leitor.

Os professores devem estar preparados para formar sujeitos leitores, e isso significa na leitura diária do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que é a construção do sentido do texto. O esforço em escrever algo que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo.

O modo de trabalhar a Literatura Infantil em sala de aula requer um insight de identificação sob a metodologia trabalhada, envolvendo a interpretação do texto, a exploração do livro, a ligação do autor e do ilustrador com o que pretendem passar com a história narrada estimulando a curiosidade dos alunos (as) e o diálogo sobre o livro lido.

Para que este conhecimento literário se concretize na prática, é preciso um ambiente propício que estimule os ouvintes, à prática da leitura e profissionais que entendam o verdadeiro significado da literatura, os benefícios que ela vai proporcionar, como o estímulo, a criatividade, a melhora da escrita, a empatia, atitudes éticas e o desenvolvimento do pensamento crítico.

De acordo com Galhart, 2013, a força- motriz para a formação de leitores é a função *humanizadora* da Literatura, proposta pelo teórico *Antônio Candido* (1918), em sua obra “*A literatura e a formação do homem*”. A Literatura, por sua natureza, traduz o homem em sua essência e influência de maneira significativa em sua formação, desempenhando duas funções essenciais: *a função psicológica e a função formadora*. *A função psicológica* está atrelada a uma característica peculiar do ser humano, que se refere à necessidade de transição entre o mundo real e o universo ficcional, como algo vital ao ser humano. Segundo Jung, 2011, *apud* Galhart, 2013, o homem apresenta uma necessidade de fuga, e as páginas de uma obra podem ser um lugar ideal de refúgio.

Conforme Candido, o leitor de uma obra literária sofre influências da gama de informações que a mesma traz, provocando diversas reações que estão fora do seu controle, portanto, eis a razão do autor expor a *função formadora*, que confere à literatura um caráter formativo e educativo.

O ponto de vista de um autor, mesmo que de maneira implícita, defendido em uma obra, contribui para novos olhares sobre a realidade, e o leitor de alguma forma terá uma nova postura, senão pelo menos questões a serem pensadas, que ainda não haviam sido desencadeadas: a literatura, não corrompe nem edifica, ela humaniza o homem de maneira plena.

A Literatura não se aprende, vivencia-se, convive-se, e ensaiar esta troca em um meio escolarizado é possibilitar a oportunidade a quem não tem acesso à leitura da literatura, acrescenta



Lajolo, 2011, “Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida [...]” (LAJOLO, 2011, p.07).

Nesta seção discutiu-se acerca da relevância do estímulo do (a) professor (a) para o desenvolvimento da prática da leitura. Em seguida, analisar-se-á e se discutirá os dados apresentados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção serão analisados os dados apresentados na seção que aborda os resultados.

Ao conhecer brevemente as origens da Literatura Infantil e sua trajetória histórica, bem como alguns autores, que valem ser mencionados, desde o início na França, o berço, com “o pai” da Literatura Infantil, Charles Perrault, seguindo a trajetória brasileira que surgiu depois da europeia, destacando Monteiro Lobato, Ruth Rocha e Marina Colasanti, onde todos e todas foram fundamentais para o desenvolvimento do gênero, e analisar fatos que foram responsáveis para as mudanças na visão da sociedade em relação à criança daquela época, a fim de ser reconhecida como um ser com características e necessidades diferentes do adulto, fatos que foram fundamentais para a concepção de criança na atualidade. A Literatura Infantil, por sua natureza, pode atuar como um dispositivo para os processos de alfabetização e letramento.

Segundo, Soares (2008), alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código linguístico, isto é, um conjunto de técnicas adquiridas para exercer o uso da leitura e da escrita. A alfabetização faz parte da ação de decodificar o alfabeto e representar o som reconhecendo seu símbolo gráfico. Logo, o letramento é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever. São diversas práticas, tanto sociais como escolares, que exigem o emprego de ambas, e o uso permanente das habilidades de ler e escrever que o indivíduo estabelecerá com seu meio social. Utilizar-se da leitura e da escrita transformará o sujeito em ativo, condicionando-o como transmissor de vários saberes.

E em meio a esse processo, ressalta-se a importância do (a) professor (a) o qual/a qual carrega o papel de mediador (a), de formador (a) e de transformador (a), através dos estímulos nos hábitos e nas atitudes dos educandos, capacitando-os leitores, pessoas que possam ver o mundo em uma perspectiva diferente e que sejam conscientes em suas ações. O (a) educador (a) precisa estar muito bem preparado para mostrar o caminho ao mundo das letras a esses seres iniciantes, o preparo para o descobrimento de um mundo diferente, no incentivo a descobrir o mundo com a mesma curiosidade que se tem na infância, nesta fase, precisa encontrar todas as possíveis maneiras de alfabetizar utilizando-se de recursos propícios a cada perfil de educando. Utilizar o livro infantil como recurso pedagógico é propor um novo sentido e significado dentro da sala de aula para a decodificação do

código linguístico e lançar-se desta aprendizagem, para além dos limites da sala de aula, em prol do letramento literário.

Segundo Cosson (2009) *apud* Fernandes (2019), o Letramento literário, é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Utilizo a expressão processo, porque ela pressupõe a ideia de algo contínuo, em ciclos que não se fecham nunca. Sendo assim, o Letramento Literário começa na infância, com as primeiras histórias ouvidas e com as canções de ninar e estende-se por toda a vida, ampliando-se a cada romance livro. O termo apropriação refere-se ao ato de tornar algo como seu, de maneira que ele passa a fazer parte da vida e dos seus pensamentos.

Para um texto ser literário, depende de literalidade, ou seja, parte de uma elaboração especial da linguagem, utilizando elementos da ficção e da imaginação do autor (SOUZA, 1986). Essa disposição da Literatura Infantil, possibilita ao pequeno leitor pelo universo onírico que a Literatura Infantil é capaz de proporcionar.

Nesta seção considerou-se a trajetória da Literatura Infantil, desde os clássicos, a comunhão entre Literatura Infantil e alfabetização na perspectiva do letramento e do letramento literário, respeitando-se a literalidade,

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se analisar as contribuições da Literatura Infantil associada ao processo de alfabetização e letramento, bem como a sua importância para a infância e na formação de leitor.

Optou-se como metodologia de pesquisa, a revisão de literatura, pautando-se em GIL, como aporte teórico.

Concluiu-se, a partir de COELHO, FARIA, FERNANDES, LAJOLO, SILVA, SOARES e ZILBERMAN, que a história da Literatura Infantil está atrelada à história da concepção de infância. Quanto ao processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais, pensa-se em aprender a ler e escrever, ou seja, decodificar o código linguístico.

As crianças são o público que mais deve crescer pelo gosto da leitura, ler mais livros de literatura, pois o (a) professor (a) deve ser um grande incentivador, porque quando a Literatura Infantil, é bem trabalhada, auxilia, não só na formação do caráter, mas também na formação geral da criança enquanto pessoa crítica e bem-informada.

A criança que lê, adquire mais parâmetros para fazer comparações e selecionar as obras que lhe parecer melhor, tanto em situações escolares como em situações de sua vida cotidiana. Por isso, a leitura deve ser vista como uma fonte inesgotável de pesquisa.

O estudo acerca do processo de alfabetização e letramento e seus aspectos sociais, aponta como relevante a formação do professor como sujeito leitor e formador de novos (as) leitores (as) e o livro



de Literatura Infantil como recurso pedagógico deste novo processo que estimula a contextualização, a imaginação e a criatividade dos estudantes no início de escolarização.

Desse modo finalizo o artigo, deixando essa reflexão para a continuidade nos estudos.



REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil. Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo europeias ao Brasil contemporâneo. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

FARIA, Maria Alice. Como usar a Literatura Infantil na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FERNANDES, Angela Maria. Convite para desvendar enigmas: uma proposta para a construção do Letramento Literário na leitura de poemas. 2019. 195 p. DISSERTAÇÃO DE MESTRADO (Departamento de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019

GALHART, Anna Carolina. A literatura e a formação do homem. Campo Largo, 2013. *In.*: Matriz Curricular de Literatura. Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte – SMECE.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2011.

LAJOLO, Marisa ZILBERMAN, Regina. Um Brasil para Crianças: Para conhecer a Literatura Infantil brasileira: Histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1986.

SILVA, Jéssica da. A escrita alfabética: como as crianças dela se apropriam? Campo Largo, UNISE, 2021.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. *In.*: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (organizadoras). Escolarização da leitura literária. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17904374-A-escolarizacao-da-literatura-infantil-e-juvenil-magda-soares.html>. Acesso em: 25 de mar de 2022.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da Literatura. São Paulo: Ática, 1986.

ZILBERMAN, Regina. A Literatura Infantil na escola. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. Como e por que ler a Literatura Infantil brasileira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.